

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

WILLIAM MAIA

COMO DAR FORMA AO CAOS

Rio de Janeiro
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

WILLIAM MAIA

DRE 116030747

COMO DAR FORMA AO CAOS

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Bacharel em Pintura. Sob orientação do Professor Doutor Pedro Meyer Barreto

Rio de Janeiro
2022

CIP - Catalogação na Publicação

S237c Santos Maia, William dos
Como dar Forma ao Caos / William dos Santos
Maia. -- Rio de Janeiro, 2022.
47 f.

Orientador: Pedro Meyer Barreto.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2022.

1. Ancestralidade. 2. Resgate. 3. Memórias. I.
Meyer Barreto, Pedro, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

COMO DAR FORMA AO CAOS

WILLIAM MAIA
DRE 116030747

Professor Orientador: Doutor Pedro Meyer Barreto

Rio de Janeiro, 2022

O estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/Sistema Phanteon da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação online. Compromete-se também a enviar em documento separado o resumo e no mínimo três imagens dos trabalhos realizados com ficha técnica completa para seu orientador, a fim de serem divulgados online no site do Curso de Pintura da UFRJ. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

Aprovado em:

Banca examinadora:

Mestre Lorraine Mendes

Doutor Pedro Meyer Barreto

Orientação

Doutor Marcelo Campos

Esse trabalho é dedicado a todos que vieram antes de mim e abriram os caminhos para que eu pudesse estar aqui e aos meus guias e orixás que seguem assegurando o passo firme nesta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de agradecer, em primeiro lugar, aos que vieram antes e abriram os caminhos pela mata para que eu pudesse trilhar essa estrada e abrir novos caminhos para os que virão.

Gostaria de agradecer a todos que de alguma forma contribuíram e contribuem para que esse trabalho exista. Ele é feito por muitas mãos, com e pelos nossos ancestrais.

Aos meus amigos da EBA que passaram por todas as dificuldades da vida acadêmica ao meu lado, me apoiando e me inspirando. Sem eles, muitos passos dados não teriam existido.

Aos que fora da academia seguem me dando o suporte necessário para encarar os medos desse caminho chamado vida. Em especial, aos meus pais Norma e Renato por terem me gerado, criado e mostrado a direção. À Melissa Alves, por todo carinho e apoio incondicional em todos os momentos. À Lorraine Mendes por ser exemplo e acreditar no meu potencial. Sem esses nomes e muitos outros por eles representados, essa produção, tanto textual, quanto pictórica, não seria possível em toda sua propriedade.

À minha banca como um todo e ao meu orientador por embarcarem comigo nessa e estarem presentes em mais essa etapa da minha vida, não só acadêmica.

Que esses agradecimentos sejam também uma forma de eternizar as muitas mãos que, além das minhas, também são protagonistas dessa história que não se resume apenas ao meu ser enquanto indivíduo e sim o todo como um corpo único.

RESUMO

COMO DAR FORMA AOS CAOS trata da guerra contínua entre a realidade brutal do cotidiano do cidadão periférico/suburbano negro brasileiro e os ecos das feridas abertas nos períodos sangrentos da história bem como sua busca pela cura e manutenção da memória. Não são meros retratos da violência, mas sim um olhar lançado sobre o nascimento do caos na forma de um sistema operante das relações sociais. Relações que se conectam como circuitos, se retroalimentam e dão origem a um processo contínuo de transformação. Transformação que deságua em cura, tal qual a onda que quebra e leva embora as marcas da areia.

Palavra-chave: Ancestralidade; Resgate; Memórias.

ABSTRACT

HOW TO SHAPE CHAOS is about the continuous war between the brutal reality of the daily life of the Brazilian peripheral/suburban black citizen and the echoes of open wounds in the bloody periods of history as well as their search for healing and memory maintenance. They are not mere portraits of violence, but rather a look at the birth of chaos in the form of an operative system of social relations. Relationships that connect as circuits, feedback and give rise to a continuous process of transformation. Transformation that flows into healing, just like the wave that breaks and takes away the marks of the sand.

Keywords: Ancestry; Retrieve; Memories.

SUMÁRIO

RESUMO	6
ABSTRACT	7
Ora Pro Nobis	9
Caminhos: O antes, o agora e o depois.	13
Gênesis	16
Teoria do caos	19
Dilúvio	22
Exú	23
Êxodo	27
Encruzilhadas	29
Levítico	32
Retroalimentação	34
Numeri	36
Terentautus: A forma do caos	38
Armagedom	41
Referências	43
ANEXO	44

Ora Pro Nobis

Agora queridas crianças, prestem bastante atenção.

Eu sou a voz que fala de dentro de vocês. Eu sou o ruído que se destaca dentro desse caos urbano. O grito da noite. O silêncio do dia.

Eu tenho uma pequena história para lhes contar.

O que é preciso ser dito quando todas as palavras já foram lançadas?

Que semente plantar quando o solo já não está mais propício ao crescimento?

Há muito tempo atrás, uma terra distante foi revelada e com ela, seu povo, os donos desse lugar. Houve sangue desse povo derramado por aqueles que portavam o fogo em suas mãos.

Do sangue derramado na terra, nasceu uma entidade a ser venerada. Por ela, mais sangue seria derramado no futuro. Mas poucos sabiam o que estava por vir naquele momento.

O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas sim na intensidade que acontecem. Mas... E quando intensidade e tempo entram em comum acordo?

Eu conheço o tempo e sei que seriedade não é seu forte.

O que aconteceu ontem e o que acontece hoje são faces de uma mesma moeda. São diferentes, mas pertencem e respondem diretamente a um denominador comum que os une. Logo, são um só. São a moeda. E uma vez sendo um, impossível é que se tornem dois, nem pelo fio da mais afiada lâmina.

Caravanas trazem de longe um povo amontoado, abatidos pelo calor, com sede de vida. E como matariam por vida nesse momento... Algumas caravanas trazem do mar. Outras levam até ele, num movimento contemplativo do sagrado Domingo cristão.

Sagrado domínio cristão.

Que diferença faz entre as caravanas que trazem ou as que levam? A moeda do tempo gira e não importa em qual face caia.

Sagrado delírio pagão.

É preciso pôr ordem de uma vez por todas. Mandamos de volta pro lugar de onde vieram? Mandamos.

Do barro viemos, ao barro retornaremos. "Mas que eles retornem primeiro, por precaução", era o que diziam. Acho que ainda dizem.

Carnes empilhadas, ossos encontrados, nenhuma evidência aparente, é claro. A carne é fraca. O tempo não. O medo não.

Dizem que a justiça é cega. Eu acho que ela realmente é. Deus? Deus também deve ser. Talvez... Talvez eu também seja...

E as caravanas seguem sobre suas quatro rodas, ou embaladas pelos ventos em suas caravelas, empilhando corpos que se acotovelam em busca de um espaço que não existe.

Jaula um. Jaula dois. Jaula três. Complexo de infernos. Circuito em série. O problema é quando dá curto.

Ou será que o sistema do circuito sempre foi curto?

Apagam-se as luzes.

E quem se arrisca a dizer ser "aquele que porta a luz" nesses momentos?

Eu não.

Eu sou apenas mais um sem luz. E não é verdade que aqueles que não possuem a luz dependem de alguém para iluminá-los?

Ah... Mas é claro que sim.

Lembrem-se crianças, vocês são o futuro, mas podem sempre contar com suas máscaras quando se tornarem adultos.

O boi que pasta no campo.

A bala que corta a carne.

A bíblia que morde e assopra.

Mais morde que assopra.

Hoje o prato se come quente.

Amanhã, prato frio que se come cru.

Cru como as carnes empilhadas no açougue.

Açougue feito de palha e barro ou o açougue de tijolos também de barro? Tanto faz o lado que a moeda cair, afinal, todos vão voltar ao barro mesmo.

Do alto do morro um profeta grita anunciando a chegada de um suposto "Messias". "Melhor já ir se acostumando" ele dizia. "Ele virá em um cavalo branco como sua pele para salvar seu povo sofrido". Mas é claro que havia de ser branco. Ou você já viu a imagem de um anjo de pele preta?

O "mito" do paladino branco da verdade e da justiça se cria novamente. A moeda do tempo gira mais uma vez, a última talvez, pois, como nunca antes, o tempo haveria de custar tanto dinheiro. Na verdade, talvez apenas uma única vez numa terra distante, de pessoas loiras e pele clara... Mas essa é outra história... Na verdade... Quem sabe não seja a mesma?

"Esta terra nunca poderá ser vermelha!" Gritará o paladino sobre seu cavalo branco, sem saber ele que um ruído já havia sido inserido desde o dia 1, quando os que portavam o fogo pisaram nessa terra. Sem saber ele que a terra já era vermelha. Sempre foi. Vermelho da pele dos donos dessa terra. Vermelho do líquido que escorre dessa mesma pele. E continua se tornando mais vermelha a cada banho de sangue em nome de...

Bem, o nome da entidade talvez vocês já saibam. Aquela que está acima de tudo e abaixo apenas de Deus. Aquela cujo nome também nasce do vermelho. Vermelho como a brasa que

um dia queimou dentro dos corações dos que sonhavam. Hoje são os corações que queimam dentro dessa brasa.

Um dia talvez essa entidade reconheça sua origem e encerre a matança em seu nome e eu possa enfim me libertar.

Talvez isso nunca aconteça.

Basta se entender os sintomas para se criar o remédio.

Mas que remédio cura o que eu sou?

Eu? Eu sou a brasa que queima dentro dos corações, eu sou o choro de alegria e de raiva que se projeta nos olhos, eu sou também a entidade que nasceu do sangue dessa terra...

Eu sou

Vocês.



Figura I: MAIA, W. **Terra Vermelha.** [2018]. 1 Escultura, papel machê, madeira, massa corrida, látex, cola, plástico e linha de costura, dimensões variadas.
Fonte: Acervo do Autor

Caminhos: O antes, o agora e o depois.

Quando suas armas já estão embotadas, o seu ardor enfraquecido e o Tesouro, gasto, os governantes vizinhos tirarão vantagem de suas dificuldades para agir. E, nesse caso, nenhum homem, mesmo sábio, será capaz de evitar as desastrosas consequências que se avizinham. (SUN TZU, 2010, pág.31)

Do passado ao presente, rumo ao futuro. Recriar o mundo do início ao fim. A história sempre foi contada por aqueles que detêm o poder e, buscar por identidade, encontrar a base, torna-se uma necessidade.

Surge a busca por compreender estar no presente, olhando o passado, visando o futuro e reescrevendo seu mundo pessoal. Entender o próprio corpo como ancestral de si, amigos e família também como ancestrais e aqueles que abriram os caminhos primeiro, a base dessa ancestralidade e o motivo pelo qual se produz.

Entender as feridas para saber onde suturar se fez parte integral de uma produção gestada na vivência cotidiana de um jovem negro, nascido e crescido no subúrbio do Rio de Janeiro.

Por anos, a falta da representação de uma identidade se apresentou como um mar sem fim de possibilidades e armadilhas. Desde precisar se entender como negro, até compreender todas as questões que chegam juntamente a esse fato, existe um longo caminho a ser percorrido. É como adentrar a mata ainda virgem e precisar abrir caminho para si e para os que virão logo em seguida.

Pintar passa a não ser apenas um ato solitário de ateliê e sim algo que se faz com e pelos ancestrais e também por aqueles que virão pelo mesmo caminho. Entender a pintura como reafirmação e resgate de um passado apagado e registro para a posteridade.

O corpo como ancestral de si próprio passa a se moldar no fazer pictórico que se confunde com as vivências do dia a dia. Inicialmente nos deslocamentos patrocinados pela péssima mobilidade urbana que, diante de duas horas em um transporte público, obriga a busca por outras atividades, enquanto isso. Sendo assim, encontro a observação.

Observação dos trajetos, observação do corpo, observação do corpo como território. Território sempre falou de corpo e o corpo, muitas vezes, foi tratado como território, sobretudo se falarmos de corpos negros, protagonistas dessa pesquisa.

Entre idas e vindas, entre deslocamentos, perceber o subúrbio como quilombos modernos foi a virada necessária para que um novo mundo se descortinasse diante de uma produção que trata de encontros. Encontro entre passado, presente e futuro.

Águas que deságuam em um mar que, apesar de se tratar de meu ser, é também o outro que divide as mesmas dores e anseios. O mesmo passado e vivências. A mesma ancestralidade.

Da observação à necessidade de se descobrir, o resgate de memórias e o encontro se fazem presentes. Encontrar Bakhita, compreender aqueles restos mortais, descobertos por acaso, de uma jovem negra escravizada, com idade próxima da minha, como o mais próximo que se tem do registro físico de um ancestral, não podia passar impune. Quantas ainda não foram descobertas? Quantas talvez nunca sejam?

Não saber sua própria origem é uma das maiores cicatrizes desse processo. Tendo em vista que a maioria branca sabe de onde vêm seus antepassados europeus, nós que descendemos de africanos, na maior parte dos casos, não temos ideia de qual país desse imenso continente nasceu nossa família. Quem são nossos ancestrais? Apenas tenho conhecimento de minha árvore genealógica até meus bisavós.

Feridas abertas que demoram a cicatrizar. Raiva pulsante que impulsiona e serve de estopim para uma saga muito longe de encontrar um fim.

É dessa maneira que o caos se apresenta, ainda sem forma, como um mar de possibilidades a se desbravar. Vida e fazer pictórico se chocando e se assemelhando dentro desse denominador comum.

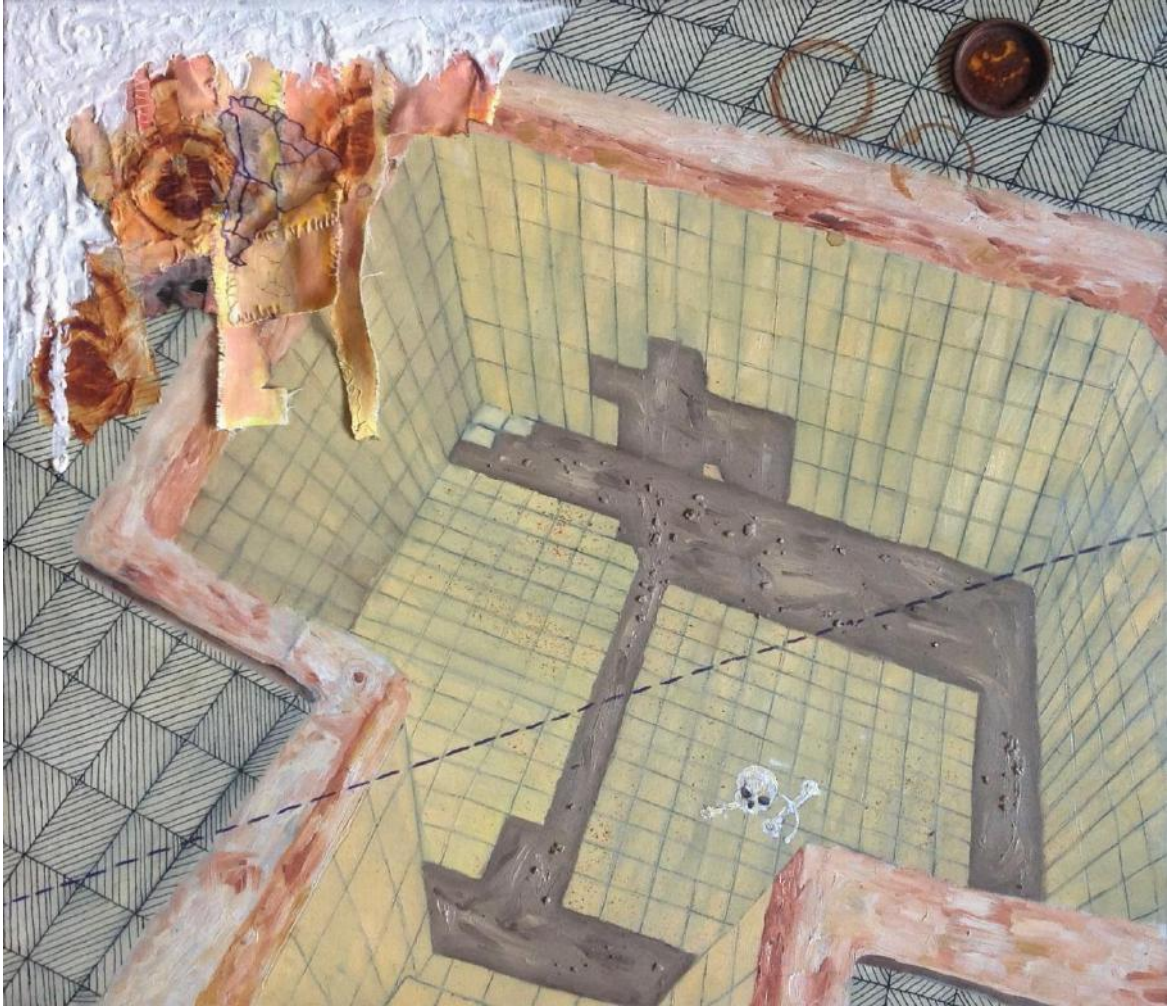


Figura II: MAIA, W. **Com Quantos Fantasmas Se Faz Um Passado?.** [2019]. 1 pintura, óleo, acrílica, marcador permanente e cascas sobre tela, 70x80cm
Fonte: Acervo do Autor

Gênesis

E aquele que verdadeiramente trazia a verdade, em meio ao caos sucumbia. Por entre o vale repleto da lama que se erguia de anos de história, os mil que se empilhavam à esquerda e os dez mil à direita, agora, pouco peso exerciam em relação à cruz que se carregava aos ombros daquele que portava a luz. Não mais de madeira, mas do barro que engoliu aqueles que vieram antes.

Ruínas. Ruínas de peles, carnes, ossos e sangue. Bendito o sangue que alimenta a terra.
Maldito o sangue que suja seus campos.

Aos lábios que se deliciam com o sombrio banquete de quase duas toneladas de carne sem vida, os 27 corpos que os alimentam, são como pilhas suculentas para sua insaciável fome que anseia pelo suco avermelhado que escorre dessas veias.

O Rabi, corpo aberto em meio ao público, camisa branca com tons de azul em duas listras, não mais precisa que sua cruz seja erguida, o asfalto se faz palco para o sadismo de Roma e os pregos que o perfura, são banhados a ouro e carregam em si, pólvora. As marcas ainda são as mesmas, mas não mais o sangue lava os pecados. Os Messias morrem em vão em favor de tantos Pilatos que, em suas consciências tranquilas, vêm na cruz, a forma da espada que sempre sonharam. No final, estar entre a cruz e a espada, dá no mesmo.

As ruas seguem brancas. Vermelhas e brancas. E isso é guerra...

Senhor, senhor, está me ouvindo, senhor? Minhas mãos estão pregadas!

O divino sopro já não beija mais a minha face ou lambe minhas feridas

Quem mordeu ontem, hoje assopra as marcas de dente do tempo.

Mas já não há mais o divino sopro

E do barro não se fez vida.

Mas nele e por ele se tira

Se o lodo que me engole hoje fosse o lodo que me alimentará amanhã

Os vermes que consomem jamais,

Eu digo, JAMAIS!

Pensariam em fazer de minha carne

Sua Santa Ceia e seu sagrado café da manhã.

Senhor... Porque me abandonaste? Hoje me restam apenas os vermes.



Figura III: MAIA, W. **Dos Vermes Que Me Consumem.** [2019]. 1 pintura, acrílica, óleo, massa corrida e marcador permanente sobre MDF, 21x21cm
Fonte: Acervo do Autor



Figura IV: MAIA, W. Eloí, *Eloí, Eloí, Lamá Sabactâni*. [2019]. 1 pintura,acrílica, óleo, massa corrida e marcador permanente sobre MDF, 46x46cm
Fonte: Acervo do Autor

Teoria do caos

Por falta de um prego, perdeu-se a ferradura; Por falta de uma ferradura, perdeu-se o cavalo; Por falta do cavalo, perdeu-se o cavaleiro; Por falta do cavaleiro, perdeu-se a batalha; Por falta da batalha, perdeu-se o reino! (Provérbio Chinês)

O caos não é aleatório. Está sujeito a regras e condições iniciais conhecidas, diferentemente de “desordem” onde, independente das condições iniciais, os resultados serão sempre aleatórios. Aqui, o que faz o resultado variar está no “ruído” inserido no processo.

Por exemplo, ao se atravessar uma rua, diversos cuidados são tomados inicialmente, como atravessar na faixa de pedestres, verificar se o sinal está fechado para os carros, olhar para os dois lados, etc. Esses cuidados são possíveis devido ao conhecimento das condições iniciais que são a velocidade em que veículos transitam pelas vias e o risco que esses apresentam caso se choquem com um pedestre.

Vamos supor que em determinado dia, indo para o trabalho, um pedestre atravesse fora da faixa e sem olhar para os dois lados. Dessa forma, duas possibilidades se formam: O pedestre pode conseguir atravessar tranquilamente a via ou este pode acabar sendo atropelado.

No segundo caso, temos o ruído no sistema. Assim, todas as condições e direções iniciais são alteradas completamente. Nesse dia, o pedestre que estava indo para o trabalho, não chegará e perderá o dia no hospital. Da mesma forma, a família desse pedestre que estava executando outras funções, terá de se deslocar e arcar com os custos da hospitalização. O motorista que atropelou, por sua vez, também teve seu dia completamente alterado, pois provavelmente terá de responder pelo atropelamento (Se estivesse a trabalho, esse atropelamento poderia acarretar um afastamento ou até mesmo uma demissão). Ainda, os que ficaram presos no trânsito gerado pelo atropelamento, também tiveram seus dias alterados. Provavelmente se atrasarão para seus compromissos.

Temos então o “caos”. Um pequeno ruído é capaz de mudar completamente a vida de diversas pessoas. Isso se aplica a diferentes momentos da história.

Como seria se Hitler tivesse vencido a guerra? Ou ainda se o nome de sua família nunca tivesse sido alterado de Schicklgruber para Hitler? E se nunca houvesse um novo

direcionamento nas relações econômicas mundiais, quando teria acabado a escravidão no Brasil? Se a invasão Francesa ao Brasil tivesse sido bem sucedida, falaríamos francês?

Todas essas possibilidades de ruído geram uma enorme tensão, o que pode ser extremamente perigoso. As guerras, em sua maioria, nascem exatamente dessa relação.

O caos não é determinista ou perfeito, assim como nós, humanos também não o somos. Também não é falta de ordem como citado anteriormente. O erro é inerente à vida humana. Trata-se de uma eterna busca por um propósito aparentemente inalcançável.

O projeto que apresento visa dar luz ao caos, à desordem e à psicopatia que podemos presenciar em diversos momentos da história como forma de espetáculo, bem como também o renascimento e a cura dessas feridas.

Assim como o vilão Coringa ser a personificação daquilo que há de mais abjeto no ser humano e ao mesmo tempo transmitir isso como se essa tragédia fosse sempre um espetáculo, dá um ar muito mais ácido à crítica gerada por ele mesmo, busco trazer para o universo da minha produção um debate ácido e ao mesmo tempo firme acerca de certos períodos históricos, relações de fé e religião e como os mesmos alteraram os rumos do mundo e seguem, ainda hoje, reverberando e gerando novos ruídos.

É trazer à vida o embate entre o que é “espetacular”, “grandioso” e o que há de mais vil na humanidade. Assim como nós, o caos reside exatamente no intervalo entre essas duas coisas. Isso é o caos.

Do barro nascemos ao barro retornaremos. Da lama ao caos, do caos à lama. Uma saga que se desenrola no micro e no macro e se desenvolve no toque entre os dois, no reerguer e no ressignificar de toda uma existência. O nascer, o morrer e o renascer. Ciclos onde o início e o fim dividem o mesmo espaço.

Como Reescrever toda uma história? Como ascender da lama e apontar um caminho para novos rumos? A resposta está na ancestralidade, naquele que é o mensageiro e senhor dos caminhos.



Figura V: MAIA, W. **Oní Sâà Wúre.** [2021]. 1 pintura, acrílica e PVA sobre tela, 75x53cm
Fonte: Acervo de Colecionador

Dilúvio

Se eu pular daqui quantos eu deixo desamparados? Desses gatilhos que me apontam, os que me lembram do passado que eu não vivi mas que é meu, são os que mais me perfuram. Nesse barco parece que estou sozinho. Na minha esquerda mil, na minha direita dez mil, mas em pé só eu. Desde o início já estava traçado o caminho.

Onde eu estava com a cabeça quando resolvi subir nesse barco? Marco de dez em dez minutos a posição em que me encontro, mas nem sei mais em que ponto desse mar essa tempestade foi me levar.

Lágrimas agora já não me servem de nada, mas cada segundo é inevitável. Os 11 mil que caíram hoje parecem não valer nem um centavo e seguem sendo apenas mais uma pilha.

Pilha?

Quem pilharia de subir nesse barco se soubesse das tempestades? Eu não sabia. Descobri tarde demais.

Agora o que me resta é esse pedaço de esperança podre e velho. Podre e velho igual esse chão que me sustenta. Mas minha fé não é cega, nunca foi, né? Sei bem onde eu piso. Quem vai sustentar o B.O. afinal, se não eu mesmo?

No princípio era treva e agora mais uma vez volta a ser. Não consigo ver nem mais um palmo à minha frente, nem aos lados. Atrás eu já nem olho mais.

Falaram uma vez que bastava não ter pouca fé para se andar sobre as águas... Será que é verdade? Talvez essa seja a salvação, afinal.

Barulhos de tiro ao fundo! Acho que estou chegando a algum lugar! Mais uma explosão! Menos um... Ou seria mais? Sei lá, a conta sempre fecha negativa e se não fechar, melhor voltar do início.

Mas será que eu tenho pouca fé? E se eu pular daqui quantos eu deixo desamparados?

Meus pés tocam as águas e eu já nem sei mais se sou o mar, o barco ou aquele que um dia quis navegar.

Mas se por acaso eu for o mar, acho que finalmente posso descansar.



Figura VI: MAIA, W. **Por Mais Que Eu Ande pelo Vale da Sombra da Morte.** [2021]. 1 pintura, acrílica, óleo, colagem, marcador permanente e massa corrida sobre tela, 152x286cm

Fonte: Acervo do Autor

Exú

O surdo de terceira (...) ocupa por isso mesmo o papel de Exu na cosmogonia iorubá, de Aluvaiá entre os congos e de Legba entre os fons: ele brinca como o que é previsível, desnorteia, faz o inusitado. (SIMAS, 2019, pág. 27)

No contraponto da ideia apresentada na Teoria do Caos, a figura de Exu se apresenta com certa aversão ao previsível. Aqui, dois mais dois pode e provavelmente vai ser cinco. Ou talvez seis. Quem sabe, dez. Dez vezes dez. Exú é o caminho, aquele que é o movimento e o fogo.

Muitas vezes interpretado pela visão Judaico-cristã como o Diabo ou um demônio, traz em sua figura muito mais do que apenas um ser mítico guiado pela personificação do mal dentro de um pensamento maniqueísta. Exú traz para dentro de uma divindade aquilo que nos aproxima enquanto humanos. O bem e o mal convivem e convergem em uma unidade que se apresenta mais complexa do que a ideia binária e superficial que é entender apenas o bem (1) e o mal (0) em um conjunto separado, distinto e até oposto.

É o todo pelo detalhe, assim como o detalhe pelo todo. Início, meio e fim acabam por se confundir e coexistir com o mesmo princípio. Passam a ser o mesmo. Assim como o tempo e o espaço, não há início, não há fim. Há apenas o ciclo.

Em diversos momentos de nossas vidas, é comum ouvir a frase “sua cabeça é seu guia” para aconselhar em momentos de dúvidas ou até mesmo no intuito de repreender alguma ação sabidamente equivocada. Essa máxima, muitas vezes evocada pelos mais velhos, em muito se relaciona com o conceito de Orí. É a cabeça que carrega nossos pensamentos e ideias, é dela que partem os impulsos para que todo o resto do corpo tenha pleno funcionamento, é nela que se abrigam dois importantes chakras, o Frontal e o Coronário. O primeiro, relacionado à criatividade e à intuição. O segundo vitaliza o cérebro e conecta o mundo interior (corpo) ao mundo exterior (universo e espiritualidade).

Apesar de inicialmente se mostrar um conceito totalmente individualista, este ganha proporções para além de apenas “cabeça”, no sentido físico, à medida que se conecta ao de mente e consciência. São elas que vão nos ligar enquanto sociedade, sobretudo, dotada de saberes culturais e costumes.

O documentário Orí bebe diretamente dessa fonte, trazendo a ideia de que “cada indivíduo é um quilombo” e “o quilombo é um núcleo”, tal qual o Orí. A ideia do todo como um, faz parte integral da cultura negra trazida de África e, nos dias de hoje, se refletem em diversas manifestações, ampliando ainda mais o alcance desse “Orí”, que deixa de ser individual para compor o todo e novamente retornar ao indivíduo.

Hoje, é possível perceber esse “corpo encantado” em vários segmentos da cultura brasileira. Dos terreiros às escolas de samba, passando pelas ruas de todo o subúrbio carioca. As relações pessoais ainda demonstram a passagem desses ancestrais por essas terras e, por isso, estes se mantêm vivos.

Quilombos atuais ou locais de culto e sacralização do profano, as escolas de samba desenvolvem papel importante no que diz respeito à conexão do passado ao presente, lançando um olhar para o futuro. Assim como Exú que matou um pássaro ontem com a pedra que atirou apenas hoje, brincando com o improvável e tirando sarro do óbvio, as escolas de samba aprendem e ensinam as novas gerações a partir do que viveram e contaram os mais velhos. Sabedoria passada através das letras, através dos toques emprestados dos atabaques nos terreiros, através das cores e da convivência nos barracões. Como Oxóssi que rege as

artes, as escolas vêm abrindo caminhos pelas matas para aqueles que passarão por esses caminhos logo em seguida.

Nos terreiros de Umbanda e Candomblé, o trabalho apenas é desenvolvido com o auxílio e participação de todos, sejam trabalhadores da casa ou os que estejam na assistência. Os rituais são movimentos, desde o corpo que dança e vai receber as entidades à oferenda que vai alimentar a terra. São ciclos que se encerram e se iniciam a todo tempo, instantaneamente. Troca de saberes e energias que se conectam diretamente e dão vida à frase “você são um”, dita por uma preta velha aos seus filhos de casa em um terreiro de umbanda em Jardim Bangu, mas que efetivamente ecoa e reverbera por todas as casas de santo que nesta terra existem e trabalham para honrar e cultuar seus ancestrais, mais uma vez, os mantendo vivos.

Da mesma forma, um movimento que, apesar de não ter nascido no Brasil, também desempenha papel semelhante é o rap/hip-hop. Este, cada vez mais tem movido mundos e reunido verdadeiras multidões para contar a história dos seus e ensinar as próximas gerações como preparar a terra e cuidar dela para que essa memória não seja perdida. Muitos desses elementos anteriormente citados são facilmente reconhecidos, sobretudo no movimento que toma corpo em território nacional. Por conta da relação de proximidade, seja de vivências ou por similaridades estruturais, por exemplo, toda a relação de respeito por aqueles que vieram antes, que existe no samba e que foi herdado dos terreiros, se faz integralmente presente. Fundamentos que se encontram e se reconhecem enquanto um corpo único.



Figura VII: MAIA, W. Exú. [2022]. 1 pintura, acrílica sobre papel couchê, 47x34cm
Fonte: Acervo do Autor

Êxodo

Não importa quantos vermes se coma, no final, eles comerão você. Como esses peixes que me cercam. São eles ou eu. Que minha mãe seja a última a chorar.

O pão se divide entre aqueles que querem comer e por esses se multiplica o que se guarda na mão. A última hora há de vir.

Todo o que nele crer, não perecerá. Mas seguem me consumindo por entre a imensidão azul que abraça os homens que a visitam.

Pouca esperança resta nos corações que se banham. Vales escuros ofuscam o caminho. A verdade confunde. A vida já não se tem mais.

Por entre escuridões na imensidão azul, a mão direita vitoriosa se ergue. Pele preta, pérolas, o mar é seu reinado, do medo se fez vida. Suas águas são vida, abraço que afaga.

Corpo que se fecha, pele que se seca, cabeça que se firma.

Que seque a figueira, os frutos já foram colhidos e a oferta se faz farta para os que dessa terra sabem o valor. A profecia, como era de se esperar, não se cumpre.

Falsos profetas travestidos de Messias em peles de cordeiro. Pois que o lobo disfarçado também seja oferecido em sacrifício.

Estrela da manhã, o anjo caído que porta a luz.

Não preciso ser iluminado pelo paladino em seu cavalo branco, o falso Messias, sou minha própria luz.



Figura VIII: MAIA, W. *Defumação I e II*. [2021]. 1 pintura, acrílica, PVA e colagem sobre tela, 75x28cm; 2 pintura, acrílica, PVA e colagem sobre tela, 75x28cm
Fonte: Acervo de Colecionador

Encruzilhadas

*Exú que tem duas cabeças, mas ele olha sua banda com fé
Exú que tem duas cabeças, mas ele olha sua banda com fé
Mas uma é satanás do inferno e a outra é Jesus de Nazaré.
(Ponto de exú)*

Lar da Boemia e da “malandragem”, o Rio de Janeiro nunca foi uma cidade de um rosto só. É fácil, ao “navegar” pelas estações de trem ou ainda pelas linhas do metrô, observar, a cada parada, as nuances dessa cidade que, no micro e no macro, guarda suas diferenças e peculiaridades no modo de falar, andar e até mesmo de se relacionar uns com os outros.

Em uma breve conversa com um “cria” da Rocinha, por exemplo, é possível mapear as diferenças que existem entre aquele que cresce ao pé do morro, para o que cresce no alto, passando por aqueles que cresceram próximos às matas que o circundam. As brincadeiras, as gírias, a forma de lidar com o corpo estranho do gringo que adentra seu território como quem desbrava um safari urbano, tudo muda. Da mesma forma, aquele que nasce no coração da Rocinha terá comportamentos e vivências completamente distintas do que nasce na Vila Vintém ou no Rodo.

Aos olhos do indivíduo que vive fora da cidade, ou ainda dos que se isolam em condomínios na Barra ou em prédios da Zona Sul, o Rio parece ter um perfil e até mesmo uma cor. Para aquele que está acostumado a vivenciar verdadeiramente a cidade em seu dia a dia, isso está bem distante da realidade.

Acordando quatro horas da manhã para estar às sete horas na escola, do outro lado da cidade, por 12 anos, pude observar muitas dessas nuances, diferenças de comportamento, “leis” vigentes em cada região dependendo da facção que estava no comando no momento, diferentes formas de “paz” e “violência”. Saber como se comportar em determinados locais, muitas vezes, pode salvar a sua vida.

O Centro da Cidade, por natureza, reúne em si, realidades e vivências completamente distintas em seu dia a dia. Para além da materialidade contemporânea a nós, o Centro, guarda ainda ruínas de um passado histórico vivo e pulsante (mas muitas vezes ignorado).

Caminhos que se cruzam pela Avenida Brasil, pelo hall da Central, pelas ruas do subúrbio. Em uma cidade que parece ter completa aversão à “normalidade”, a constante transformação e fluidez, é rotina.

O Rio de Janeiro é sem dúvidas a cidade do caos, onde ele reside e convive entre nós. Onde diferentes vivências se encontram e se chocam. Onde passado e presente convivem lado a lado.

O contraste e a luta entre o novo e o velho estão marcados em todos os cantos do Centro, seja visivelmente ou ainda, abaixo de nossos pés, fora do alcance dos olhos... Trata-se de uma história que se pretende esquecer e apagar em detrimento de interesses que, nem de longe, querem a presença dos corpos que por aqui passaram e construíram essa cidade.

O Centro é um campo de batalha que abriga os choques de realidade do cotidiano daqueles que se deslocam dos subúrbios, abrindo caminhos por entre as "matas" densas das barreiras erguidas ao longo de séculos e aqueles que confortavelmente habitam os centros econômicos e culturais.

Um campo de batalha que observa dia após dia a luta entre um passado, uma memória ancestral que briga para sobreviver e um presente que cada vez mais tem sede de expansão.

A exemplo de Bakhita, restos mortais encontrados no cemitério dos pretos novos, talvez o mais próximo que tenha chegado fisicamente de um ancestral.

A Pequena África ou a Nova Europa à brasileira?

As mesmas relações e conflitos ainda se mantêm vivos nas ruínas e no presente cotidiano dos universos cariocas que deságuam nas ruas do Centro da Cidade.

Resgatar imagens e dar vida a uma memória quase apagada e literalmente enterrada faz-se uma obrigação.



Figura IX: MAIA, W. **Encruzilhadas (Mãos de Deus, Pés de Exú).** [2021]. 1 pintura, acrílica, colagem, pastel oleoso, pasta de cera, marcador permanente e linha de costura sobre tela, 135x98cm
Fonte: Acervo do Autor

Levítico

Meus demônios eu mesmo exorcizo...
Do grito seco à vista muda
Cicatrices se abrem, secam, mas nunca se curam

Caminhar sozinho se faz necessário
Os pés, é claro, se abrem no lodo
E como não poderia ser diferente,

Afundam

Afundar é parte primordial de mim
Talvez assim eu perceba
Que além dos pés, minhas mãos
Também existem

Caminhar sozinho, sim
Mas com a certeza de que pra mim
Minhas mãos não estão vazias
Há quem as segure

Amanhã, quem vai lembrar de mim?
Hoje, qual é o meu legado?
Só quero que saibam que estive aqui e não minto
Meus demônios eu mesmo exorcizo...



Figura X: MAIA, W. Alguém me Avisou Pra Pisar Nesse Chão Devagarinho. [2021]. 1 pintura, acrílica e PVA sobre placa de metal, 50x50cm
Fonte: Acervo do Autor

Retroalimentação

*O que está em cima é como o que está embaixo, e o
que está embaixo é como o que está em cima.
(Princípio da Correspondência, Hermes Trismegisto)*

Toda a realidade, abstrata e física se relaciona de alguma forma. O universo se assemelha aos neurônios do cérebro (e vice versa), o ciclo de destruição e reconstrução da matéria física é exatamente a lógica do crescimento humano, seu eu do passado é desconstruído e desses restos, surge um novo eu. Somos ancestrais de nós mesmos, em primeira instância. A órbita dos átomos e a órbita dos planetas, a internet e o universo. Todo nível de realidade é um reflexo do outro. “O todo é mente, o universo é mental”.

Os prejuízos e as melhorias são para todos porque todos são um e em se tratando de guerra (que é o que arte sempre foi, um campo de batalha), é necessário ter a sabedoria de se identificar onde está o ruído que impede a fluidez da corrente. Saber quando se colocar e se retirar, ser o agente mediador quando preciso e o incendiário quando obrigado, o Rato é aquele que tem a sagacidade de ser o ladrão nas horas certas e o herói nas horas vagas.

Estar sempre ligado e transitar pela podridão fazem parte da “Rataria”. Saber usar isso a seu favor, também.

Todos os dias é ser um ladrão de mentes que capta as situações e sabe a hora certa de agir. Matar ou morrer pode ter só uma linha muito tênue entre os dois, e muitas vezes é preciso morrer para se viver. Quantas vezes a pintura já morreu?

Saber identificar e se apropriar do que é necessário é muitas vezes substancial e o papel do artista é se utilizar dessas brechas.

Vivência traz sabedoria, sabedoria leva o queijo para dentro da barriga e a ratoeira para longe dos ossos.



Figura XI: MAIA, W. Melissa. [2022]. 1 pintura, acrílica e PVA sobre tela, 41x33cm
Fonte: Acervo do Autor

Numeri

Pés descalços, esfolados, chão queimando
 Flores vermelhas, brancas, pretas, minuto de luto.
 É que eu não sou mais quem eu fui,
 Meu funeral tava marcado,
 Guarda o teu discurso

Senhor, porque me abandonaste?
 Sei dos planos
 Tô calejando, me recuperando de cada dano
 O barro cobre meus pés
 E o suor em meu rosto refresca minha pele
 O caminho já nem parece mais tão distante
 As raízes me mantêm firme
 E o monte se faz morada

É preciso atravessar o rio,
 Mas antes é necessário saber quem se é
 Devagar também é pressa
 E cada passo, uma nova vida

Muitos foram
 Tantos os outros chegaram
 Luzes e sombras são parte de um todo
 O fim para o novo começo
 Da Nova Era à Boa Nova
 Nasce outra entidade, enfim, por libertação.

Eu sou vocês
 Eu sou a luz em seus corações
 Eu sou a sombra em sua alma
 O calor eo frio que toca sua pele

A noite precede o dia e o dia se faz prelúdio para a noite.
 O monte agora parece mais quieto que os vales que habitei.
 Por fim, a terra prometida.
 É o fim da jornada, ou talvez o começo dela.

Aos que ficam,
 A benção e a salvação.
 Pelas águas do Rio, a morte e o novo nascer.



Figura XII: MAIA, W. **Pisa Como Eu Pisei.** [2021]. 1 pintura, acrílica, posca e PVA sobre madeira, 60x40cm
Fonte: Acervo do Autor

Terentautus: A forma do caos

No meu Reino tudo será feito de ouro, prata e brilhante. Todo o meu povo vai lá para cima conhecer o ambiente, para depois vir e encarar a terra. (Bispo do Rosário, 1982)

O sonho sempre apresentou papel importante em diversas mitologias, seja enquanto um espaço de atuação propriamente dito ou ainda como agente de uma revelação divina. Terentautus se apresenta a mim em sonho como essa revelação de um objetivo a ser perseguido. Esse ambiente onde o caos deságua e se encontra, tal qual uma encruzilhada de vivências e experiências de um mundo novo a ser criado, reescrito.

Polos diferentes (não necessariamente opostos) que se conectam e existem enquanto objeto a partir do espaço que compreende essa interseção. O real e o imaginário, alegria e tristeza, saúde e doença. Todos dependem um do outro para existir, retroalimentação. Os espaços passam a não viver na ausência um do outro e sim pela troca. Circuitos em série, reação em cadeia, efeito borboleta.

Transformar dores em sentença ou terreno fértil para novas flores? O limite do Eu e a pele em expurgo.

Corpos jovens que trazem vivos em si aqueles que vieram antes e já não estão mais aqui. A figura dos heróis ancestrais reencarna em cada jovem preto que, ainda nos dias de hoje, trava uma batalha entre viver e sobreviver. Duas palavras tão próximas e, aqui, tão distantes ao mesmo tempo.

Dores que se transformam em força, morte que se transforma em vida, o canto para afastar o banzo que retorna em festa.

É preciso antes passar pela dor para que se haja cura, tal qual o herói que adentra o ventre do dragão-baleia, cortando seu coração e libertando aqueles que foram anteriormente engolidos pelo mesmo. Abandonam o ventre da baleia ele e seus ancestrais igualmente tragados, espíritos que pelo caminho ficaram, mas que não devem ser esquecidos.

Um corpo preto, vivo, é não somente o herói que retorna de dentro do ventre da baleia, como também personifica a figura dos que vieram primeiro para que hoje ele pudesse ser herói. Se ontem o mar trouxe aqueles que nunca retornaram, hoje, resignificar é encontrar nesse mesmo mar a cura de seus antepassados.

Com a benção de Iemanjá, uma vez banhado por essas águas, é um renascer que deságua em uma história ainda longe de se encerrar.

A chuva que cai e lava o chão é a mesma que refresca e purifica a alma de quem se perdeu. Também é aquela que assume formas que assustam e arrasam para acordar e anunciar que é chegada a hora.

É abraçar o caos e ser o marujo que se pendura ao mastro em meio à tempestade. O balançar dos mares se torna a solução e não problema. Saber navegar é de certa forma, fazer do medo uma bússola e cada centímetro de mar revolto, uma descoberta. Um passo, um risco.

Sem risco não existe pintura, não existe arte, tão pouco vida. Atravessar a rua não é garantia de se chegar ao outro lado, mas ainda assim é necessário. A próxima pincelada ou a próxima palavra a ser dita trazem consigo uma infinidade de caminhos, tendo em vista que uma escolha nunca é isolada.

Os destinos que se tomam dentro da pintura não são imprevisíveis, mas de certo que são no mínimo surpreendentes. O Artista Caótico é aquele que abraça essa possibilidade, seja dentro ou fora da pintura. O mar que se navega de fato tem monstros e tempestades tenebrosas e a tela em branco trás consigo tudo isso.

Bem aventurados aqueles que se agarram firmemente à possibilidade do erro e compreendem aí o caminho para que se chegue, mesmo que apenas um passo, mais próximo do horizonte que sempre se afasta.

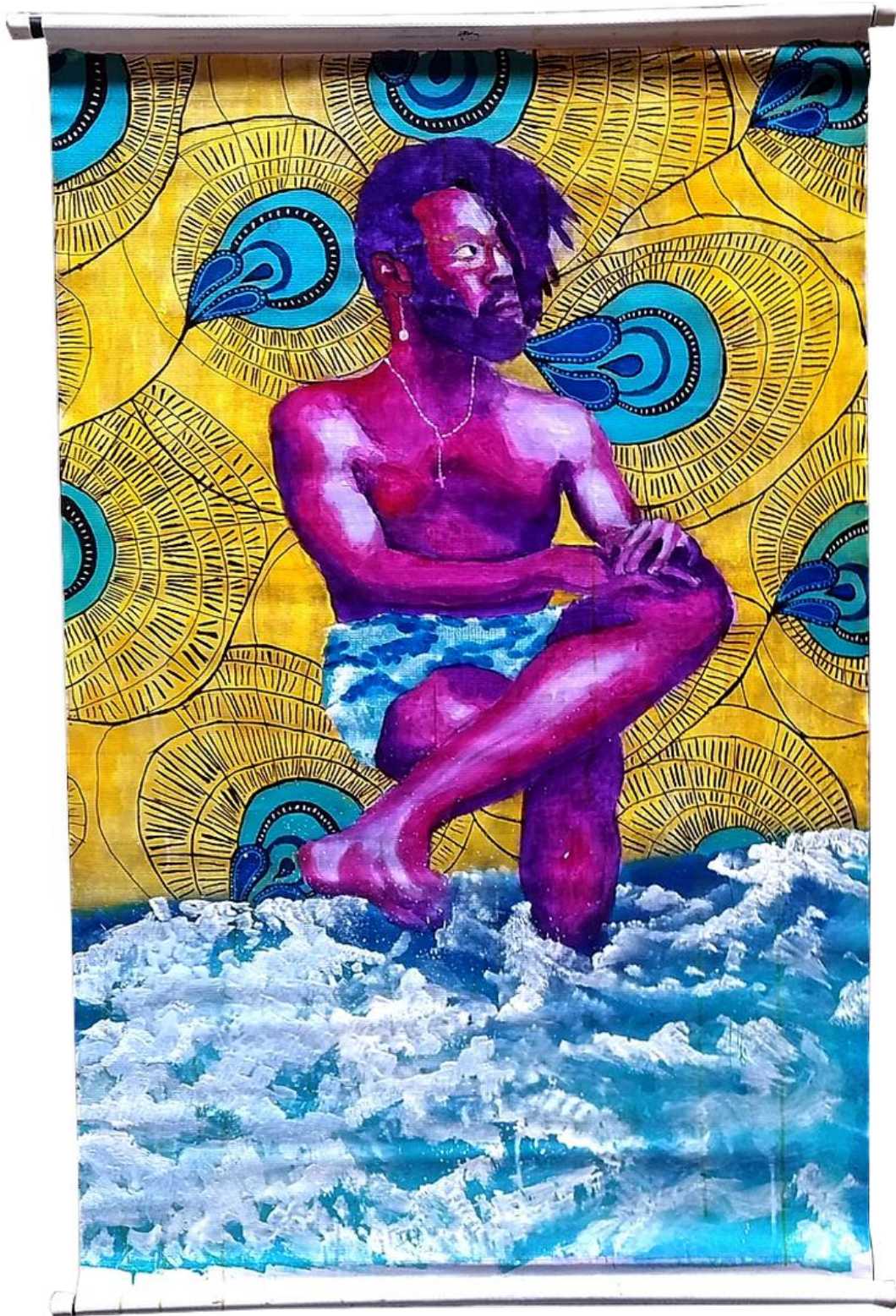


Figura XIII: MAIA, W. **Rei Nas Lendas do Caminho.** [2021]. 1 pintura, acrílica, PVA e Posca sobre banner, 75x53cm

Fonte: Acervo de Colecionador

Armagedom

Não quero ser poupado.

Às vezes é preciso a dor pra cura.

A dor de um dente que dói todos os dias é pior do que a dor da extração

O justo descansa na renovação e a renovação nasce de entender, aceitar, remontar. Não do alívio efêmero da poupança.

O herói é aquele que adentra o ventre do monstro, mesmo sabendo dos riscos de se perder. Minha sobrevivência ou não, não cabe ao monstro decidir.

Não mais os vermes me consumirão. Não mais tomarão posse do que é meu. Minhas carnes, minhas vestes, meus mais velhos. Eu sou vocês

Deixo essa terra para adentrar um novo mundo. Ao barro não retorno, mas o fim é o princípio e da terra também se faz vida. Eu sou vocês

Pés que tocam o chão, raízes que se criam e no céu se abre luz por entre as nuvens. Eu sou vocês.

Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações. Eu estarei sempre com vocês até o fim dos tempos.

Eu venci o mundo.

Os dias bons virão.

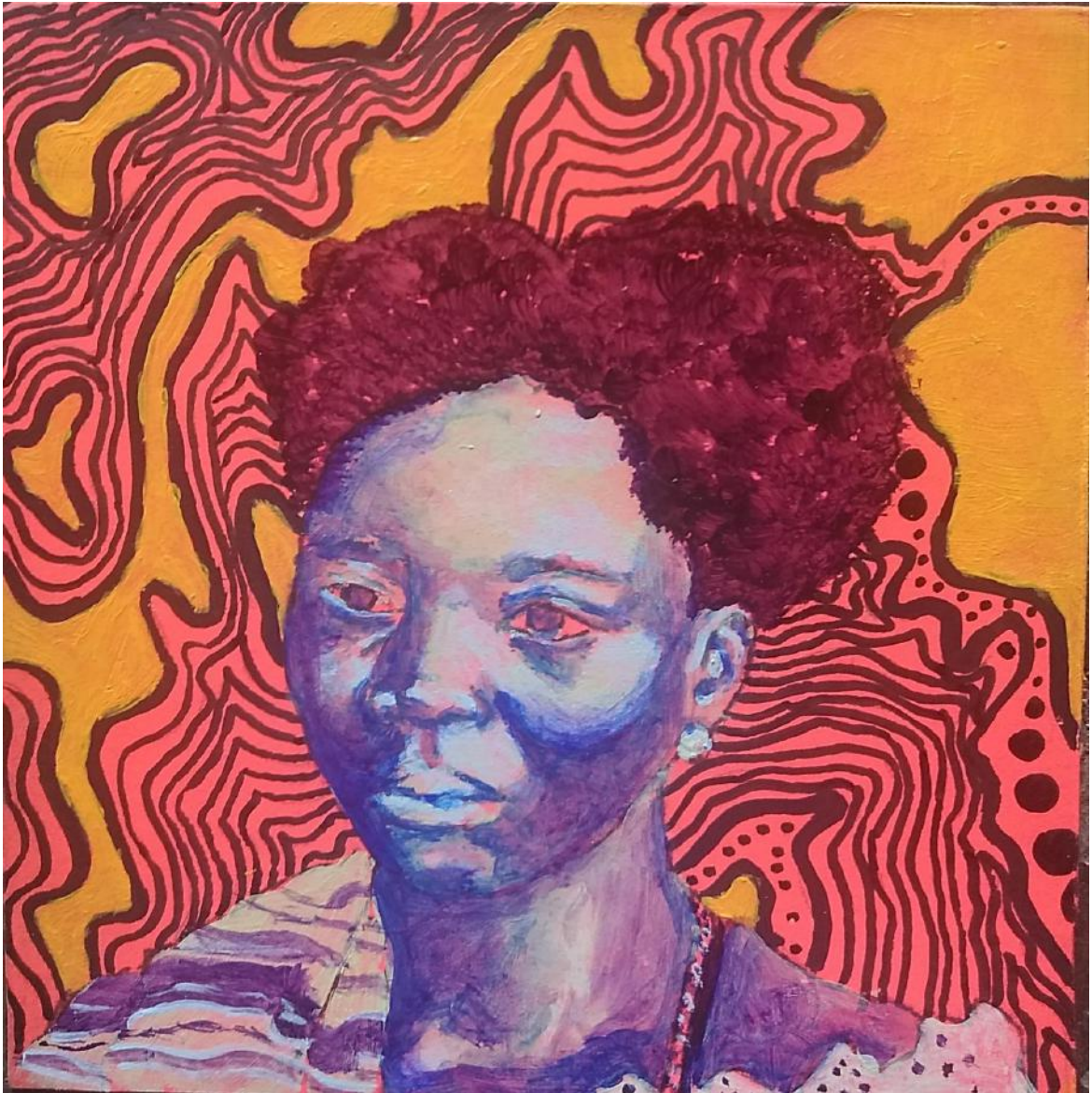


Figura XIV: MAIA, W. **Tia Ciata.** [2022]. 1 pintura, acrílica sobre papelão, 12,5x12,5cm
Fonte: Acervo de Colecionador

Referências

- ABRAHAM, Ben, Holocausto: O massacre de 6 milhões. Sherit Hapleita, 1987.
- CAMPOS, Marcelo Gustavo Lima de. & BERTH, Joice. Casa Carioca. 2020
- CAMPOS, Marcelo Gustavo Lima de., BONAN, Amanda, SIMAS, Luiz Antonio & EVARISTO, Conceição. Crônicas Cariocas. 2021
- GALEANO, Eduardo H., As Veias Abertas da América Latina. L&PM, 2020
- ORÍ; Direção: Raquel Gerber. Brasil, 1989. 91 min.
- GLEICK, James, Caos: A Criação de Uma Nova Ciência. Campus, 1990.
- GOMES, Flávio dos Santos, LAURIANO, Jaime & SCHWARCZ, Lilia Moritz. Enciclopédia Negra. 1ª ed. - São Paulo : Companhia das Letras, 2021
- LOPES, Nei, Rio Negro, 50. Record, 2015.
- OVERY, Richard. 1939: Contagem Regressiva Para a Guerra. Record, 2009.
- QUEIROZ, Tania & ROCHA, Vanessa. Cadernos EAV. EAV, 2012.
- ROHDEN, Huberto. Bhagavad Gita. São Paulo: Martin Claret.
- SCHWARCZ, Lilia M. & VAREJÃO, Adriana. Pérola Imperfeita: A História e as Histórias na Obra de Adriana Varejão. Cobogó, 2014.
- SIMAS, Luiz Antonio. O corpo encantado das ruas [recurso eletrônico]. 1º ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. Formato epub.
- Três Iniciados. *O Kybalion*. Rio de Janeiro: Arcanum Editora. 2017.

ANEXO



Figura XV: MAIA, W. **Bakhita**. [2018]. 1 pintura, acrílica e óleo sobre tela, 22x16cm
Fonte: Acervo do autor



Figura XVI: MAIA, W. Ferida Aberta Respira e Cicatriza Mais Rápido. [2019]. 1 pintura, acrílica, óleo, massa corrida e colagem sobre tela, 80x80cm

Fonte: Acervo do autor

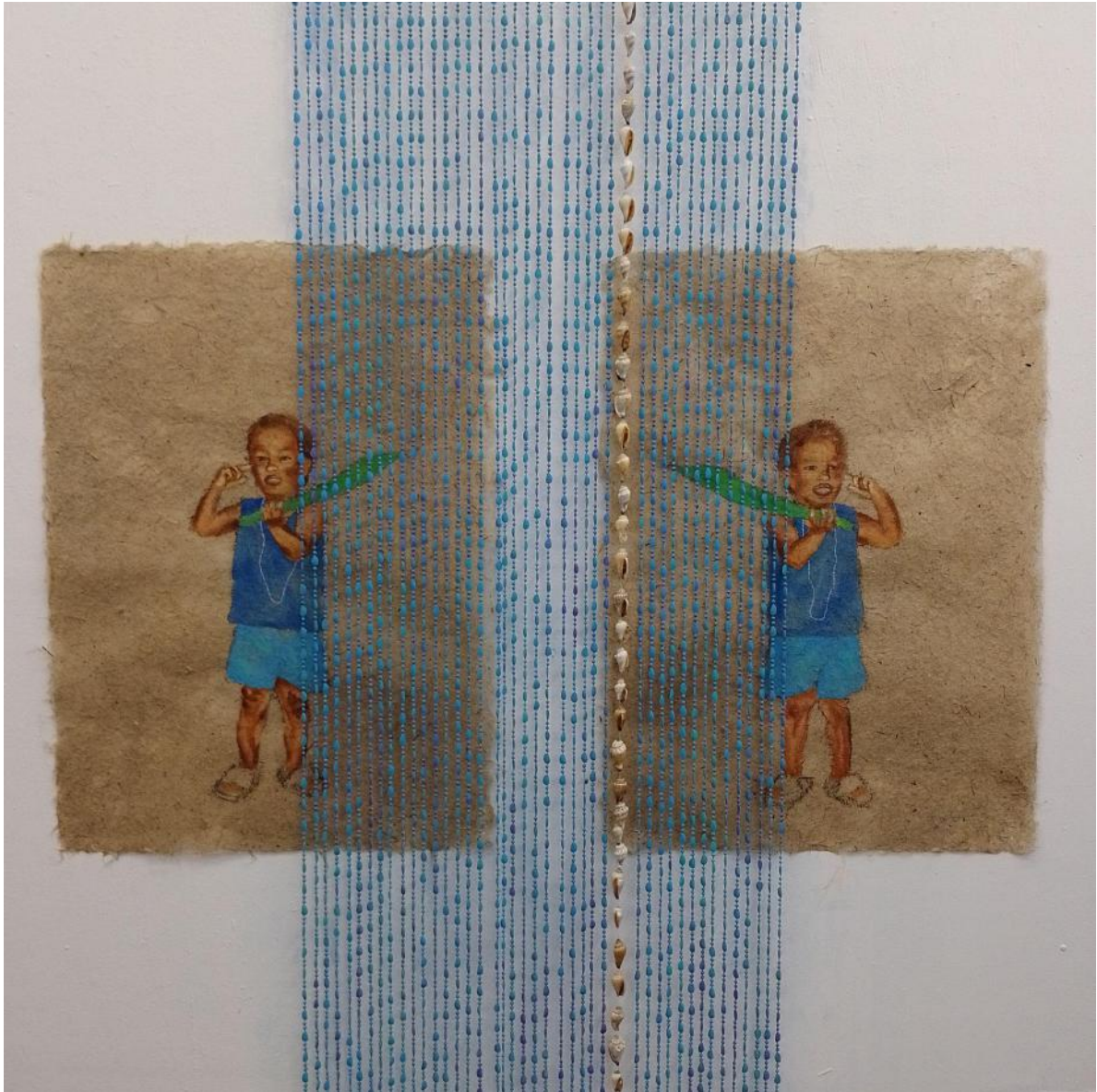


Figura XVII: MAIA, W. **Da Cachoeira ao Mar, Rios de Ibeji.** [2022]. 1 pintura, acrílica, PVA e carvão sobre papel de folha de bananeira e cortina de contas de plástico e conchas, 201x114cm
Fonte: Acervo do autor



Figura XVIII: MAIA, W. *Ele é Caboclo da Banda de Lá*. [2022]. 1 pintura, acrílica e carvão sobre tela, 80x60cm

Fonte: Acervo do autor